

Pneumatologia em Lutero

Pneumatology in Luther

*Wilhelm Wachholz*¹
*Martin Timóteo Dietz*²

RESUMO

O texto analisa a pneumatologia na teologia de Lutero. O objetivo do estudo é perceber a correlação da teologia do Espírito Santo em Lutero com sua teologia cristocêntrica. Em consequência do embate de Lutero com os assim chamados entusiastas, que afirmavam revelações diretas pelo Espírito Santo às pessoas, a recepção da teologia de Lutero tendeu a concentrar-se mais na cristologia em detrimento da pneumatologia. Neste estudo, busca-se destacar a centralidade da pneumatologia na teologia de Lutero, ressaltando a atuação Espírito Santo que, utilizando-se de meios criacionais, opera como “ponte” para a presentificação de Cristo *pro nobis* e como energia transformadora pelo amor a partir da fé do ser humano justificado.

PALAVRAS-CHAVE

Lutero. Espírito Santo. Jesus Cristo. Trindade. Palavra de Deus.

ABSTRACT

The text analyzes pneumatology in Luther's theology. The goal of the study is to perceive the correlation of Luther's theology of the Holy Spirit with his Christocentric theology. As a consequence of the clash between Luther and the so-called enthusiasts, who affirmed receiving

¹ Professor de Teologia e História da Faculdades EST. Doutor em Teologia pelo IEPG-EST. Contato: wachholz@est.edu.br.

² Cátedra contextual de pesquisa em Lutero – Faculdades EST. Doutor em Teologia pela Friedrich-Alexander-Universität (Erlangen-Nürnberg/Alemanha). Contato: martin.dietz@est.edu.br

direct revelations through the Holy Spirit to the people, the reception of Luther's theology tended to concentrate more on Christology in detriment of pneumatology. In this study we will seek to highlight the centrality of pneumatology in Luther's theology, emphasizing the action of the Holy Spirit, which, using creational means, operates as a "bridge" to the granting of Christ as a gift *pro nobis* and as a transforming energy through love based on the faith of the justified human being.

KEYWORDS

Luther. Holy Spirit. Jesus Christ. Trinity. Word of God.

Considerações iniciais

A teologia de Martin Lutero costumeiramente é subsumida sob conceitos como "doutrina da justificação", "teologia da cruz" ou ainda as diversas chamadas "partículas exclusivas" (*solus; sola; solum*). Historicamente, o reformador Lutero se situa em uma dupla frente de combate: de um lado, em contraposição aos católico-romanos; de outro, aos que o reformador denominou de "entusiastas". Contra aqueles e estes Lutero levantou a bandeira *sola scriptura* ("somente através da Escritura") e, talvez até mais, *solo verbo* ("somente através da Palavra"). Se, por um lado, na controvérsia da Reforma Luterana com a Igreja de Roma o movimento liderado pelo professor de Teologia de Wittenberg ficou marcada por um *páthos* de relativização institucional, por outro, a ênfase na mediação escriturística, verbal, e sacramental do agir divino conferiu ao pensamento do ex-monge agostiniano uma aura de sobriedade, mas também de racionalidade.

Especialmente o conflito de Lutero com representantes da – por alguns denominada – "Reforma Radical" a respeito da pessoa e da obra do Espírito Santo poderia sugerir indiferença ou até aversão do reformador em relação ao *pneuma* divino. Enquanto no debate com a tradição católica o destaque dado por Lutero à pecaminosidade humana e a crítica a uma recepção indiscriminada da Filosofia na Teologia lhe rendeu, vez ou outra, a pecha de irracionalidade, em relação a grupos reformatórios "mais avivados" surgiu a suspeita de uma racionalidade luterana ameaçada

de tornar-se racionalista. A história da teologia luterana dos séculos posteriores parece ter confirmado essa suspeita, e a recorrentemente enfatizada distinção entre Lutero, de um lado, e mística e pietismo³, de outro, vem, sempre de novo, corroborar essa impressão.

Mais tardar com o advento do movimento pentecostal e dos grupos de renovação carismática nas Igrejas, tornou-se candente a pergunta pelo papel do Espírito Santo na teologia de Lutero e na prática das Igrejas Luteranas. Rudolf Otto, famoso por seu “O Sagrado”, não apenas nessa sua obra mais conhecida, mas já na sua tese doutoral, de 1898, dedicou-se a perguntar pela compreensão do Espírito Santo em Lutero⁴. Na sua obra clássica, porém, Otto se distancia dos resultados da tese doutoral, percebendo – corretamente – a influência de Albrecht Ritschl sobre ela⁵, com a qual ele, entretanto, não mais se identifica. Desde então, a Pneumatologia tem, às vezes mais, outras menos, atraído a atenção de estudiosos de Lutero e do Luteranismo, não apenas na Europa e na América do Norte, mas também no Brasil⁶.

Enquanto a antiga pesquisa em Lutero compartilhava a percepção segundo a qual o Espírito Santo seria, se muito, elemento periférico na teologia do Reformador, desde a virada do século XIX para o século XX mais e mais tem se fortalecido a convicção quanto à centralidade da Pneumatologia para o pensamento de Lutero⁷. O cristocentrismo do professor de Bíblia de Wittenberg não é cristomonismo, nem se posiciona de modo adversativo ao Espírito Santo; antes, pelo contrário, somente pode ser vivido como experiência pneumática e articulado teologicamente no horizonte da Pneumatologia. Concomitantemente cresce o reconhecimento da importância de autores e concepções místicos para Lutero⁸.

³ LOHSE, Bernhard. *Luthers Theologie in ihrer historischen Entwicklung und in ihrem systematischen Zusammenhang*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995, p. 248-256.

⁴ OTTO, Rudolf. *Die Anschauung vom heiligen Geiste bei Luther: eine historisch-dogmatische Untersuchung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1898.

⁵ OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. 4ª ed. São Leopoldo: Petrópolis; Sinodal/EST: Vozes, 2017, p. 138.

⁶ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. A Pneumatologia de Lutero: uma aproximação. *Reflexus*, ano XI, n. 17, 2017, p. 161-178.

⁷ Cf. LOHSE, 1995, p. 248.

⁸ Cf. LEPPIN, Volker. B.I.5. Mystik. In: BEUTEL, Albrecht (ed.). *Luther Handbuch*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005, p. 57-61.

As linhas que seguem desdobram a mencionada relação entre Cristologia e Pneumatologia e explicitam a mediação criacional do agir do Espírito Santo em perspectiva trinitária.

A obra do Espírito Santo

Cristo pro me através do Espírito Santo: passado que se torna presente

A pesquisa atual destaca que, segundo a teologia de Lutero, Deus não revela sua verdade de forma atemporal e abstrata. Pelo contrário, Ele a revela dentro da história de sua criação. A verdade de Deus é verdade encarnada. Cristo encarnou exatamente para ser Cristo para mim (*pro me*), para nós (*pro nobis*). Ele se tornou história para fazer história e comunicar a verdade de Deus dentro da história humana. Como tal, porém, a encarnação do Verbo é passado, do qual estamos separados como que por “terrível fosso”, para utilizar a famosa expressão de Gotthold Ephraim Lessing. Haveria maneira de o passado se tornar presente: atual e dádiva que enriquece ainda hoje? Lutero indica a resposta a esta pergunta quando, no *Catecismo Maior*, explica o Terceiro Artigo do Credo Apostólico:

Porque nem tu nem eu jamais poderíamos saber algo a respeito de Cristo ou crer nele e conseguir que seja nosso Senhor, se o Espírito não no-lo oferecesse e presenteasse ao coração pela pregação do Evangelho. A obra foi feita e está completada; pois Cristo nos obteve e conquistou o tesouro por sua paixão, morte e ressurreição, etc. Se, porém, a obra ficasse oculta, de forma que ninguém soubesse dela, seria vã e perdida. Ora, para que esse tesouro não ficasse sepulto, mas fosse aplicado e fruído, Deus enviou e fez proclamar a palavra, e nela nos deu o Espírito Santo, a fim de fazer-nos ver tal tesouro e redenção e torná-la propriedade nossa. Santificar, por isso, outra coisa não é que conduzir ao SENHOR JESUS, para receber esse bem, ao qual não poderíamos chegar por nós mesmos⁹.

⁹ LUTERO, Martinho. *Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero*. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000, v. 7, p. 315, 395.

Na passagem citada, Lutero fala da impossibilidade de “saber[mos] algo a respeito de Cristo”. Evidente é que o reformador não se refere, neste caso, ao conhecimento de fatos históricos referentes à pessoa de Jesus de Nazaré. Refere-se, antes, ao conhecimento salvífico de Cristo pela fé, ou seja: ao modo como vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo *pro nobis* podem ser experimentados como tais. A questão fundamental que, não apenas para Lutero, é resolvida pelo Espírito Santo diz respeito ao tempo. É o Espírito que equaciona a questão da transferência ou da concomitância, ou seja, como o que Cristo fez e sofreu, fundamento da “nossa salvação”, podem ser experimentados na atualidade.

Neste ponto vale à pena considerar a reflexão de Paul Tillich sobre a revelação de Deus em Jesus Cristo. Para Tillich, a revelação de Deus em Jesus Cristo é uma revelação final. Esta revelação distingue a história em duas partes: história de preparação da revelação final e história da recepção da revelação final. A revelação final (Jesus Cristo) é, ao mesmo tempo, revelação original, mas o processo revelatório continua até o fim da história por meio da “revelação dependente” do Espírito Santo em meio à Igreja. A revelação dependente se constitui especialmente da propagação ou pregação, a adoração e a comunhão. Segundo Tillich, a Igreja cristã confessa que Jesus Cristo é revelação original e final. Como tal, deve recebê-la como um contínuo ato de recepção, interpretação e atualização, de forma que o “dependente” sempre está em conexão com o “original”¹⁰.

Para Tillich, a revelação original foi recebida através dos testemunhos registrados na Sagrada Escritura. Contudo, o processo revelatório continua na história da Igreja cristã através da “recepção espiritual”. O processo revelatório não acrescenta revelações novas às revelações originais, isto é, aos fundamentos já colocados na revelação original. Pelo contrário, a história da Igreja somente é lugar de continuadas revelações dependentes que ocorrem através do Espírito Santo¹¹.

Como, então, Cristo vem a nós hoje? Lutero responde esta pergunta cristológica a partir da compreensão do Espírito Santo. O Espírito Santo

¹⁰ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulinas, 1984, p. 111-113, 124.

¹¹ TILLICH, 1984, p. 111, 124.

é a “ponte” para que o Cristo encarnado (revelação original) seja Cristo hoje *pro me e pro nobis*, possibilitando que se torne presente e decisivo para nossa salvação. Desta forma a questão da transposição do tempo fica respondida. Através do Espírito Santo é oferecida a salvação de Cristo para a humanidade que vive a cerca de dois mil anos de distância do evento histórico Cristo, isto é, da revelação original¹².

***Espírito Santo e Palavra:
exterioridade e interioridade; objetividade e subjetividade***

Em retrospectiva histórica de cinco séculos da Reforma, a teologia reformatória, em particular a Pneumatologia luterana, exige a pergunta pela sua recepção. A respeito da recepção desta teologia, destacamos dois pontos. No final do século XVI, mas, sobretudo, no século XVII, a teologia europeia é perpassada pela confessionalização, da qual, no âmbito protestante, a chamada Ortodoxia foi expressão. Entre outros, a Ortodoxia concentrou sua atenção na objetividade rígida da Palavra. Como segundo ponto, cabe considerar, como bem lembra Gadamer, que a história moderna da palavra é a história da palavra escrita. O Racionalismo do século XIX, por exemplo, expresso no Historicismo, concebia uma palavra, em certo sentido, supra-histórica, supratemporal, absoluta, não relativa e que não considerava ou pouco considerava a história do próprio ser, da consciência historicamente situada. Assim, a Ortodoxia lançaria o germe do desafio hermenêutico que o historicismo do século XIX levantou, a saber, o problema da objetividade¹³.

Lutero entendeu as Sagradas Escrituras na correlação entre Deus abscondido e revelado. Em Cristo, Deus se revelou, mas não completamente. Deus é sempre mais do que Cristo. Este é o Deus abscondido, ao qual se dirige a fé da pessoa cristã. Da mesma forma, a Palavra é sempre mais do que a enunciação da Palavra. Existe algo mais profundo na Palavra do que a fala pode dar conta. É por este motivo que a Palavra

¹² WACHHOLZ, Wilhelm. *História e Teologia da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p. 129.

¹³ GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Unisinos, 1999, p. 185-192.

é Palavra viva. Por isso, na compreensão de Lutero, a inspiração verbal da Bíblia, que ironicamente foi defendida na Ortodoxia luterana, representa a “morte” da própria Palavra. Afirmar a inspiração verbal da Bíblia é reduzir a Palavra ao finito, à fala, à enunciação, à gramática, à letra. E a letra mata, mata a fé, tornando-se a Bíblia simplesmente um livro de códigos morais e leis. Ainda assim, Lutero não desprezou a dimensão gramatical e histórica da Bíblia – observemos sua insistência no estudo das línguas bíblicas para fins de exegese! Sua intenção era enfatizar que a Palavra de Deus é Palavra viva e vivificante; que Deus, através do Espírito Santo, continua sendo Palavra e que não se ausentou dela.

Com o avanço da “grafia”, da escrita, o “espírito da oralidade”, tipicamente medieval, perde espaço para o “espírito da letra”. Este é o mundo da Ortodoxia, é o mundo do racionalismo, é o mundo da recepção também da Pneumatologia luterana. É somente no século XIX – e de forma ainda muito tímida! – que a Pneumatologia começa a ocupar lugar nas pesquisas de estudiosos de Lutero. Até então, o tema era despercebido ou, quando tratado, compreendido como afirmação de identidade contra os entusiastas da Reforma Radical. Somente aos poucos a pesquisa em Lutero tornou-se capaz de relativizar as diferenças existentes entre Lutero e o “entusiasmo”, ao perceber crescentemente as linhas que unem o Reformador a formas de piedade etiquetadas genericamente como “místicas”. A título de exemplo do avanço na compreensão da complexa relação entre Lutero e a Mística, cabe citar o posfácio de Walther von Loewenich, em sua obra *A Teologia da Cruz de Lutero*. Neste posfácio, ele diz:

O outro ponto a ser revisado ou ao menos modificado [W.v.L. fala do seu próprio livro; W.W./M.D.] diz respeito ao posicionamento de Lutero face à mística. Continuo afirmando que a teologia da cruz de Lutero e a mística alemã medieval são comportamentos básicos distintos do ponto de vista religioso. No entanto, exagerei sistematicamente essa diferença e, por causa da consequência [sic!], a transformei em contraposição absoluta. Com isso paguei meu tributo ao ponto de vista teológico dominante naquela época [quando da primeira edição do livro, 1929; W.W./M.D.], como encontrou posteriormente sua forma mais expressiva, por exemplo, em *Die Mystik und das Wort*, de Emil Brunner [1ª ed.: 1924; W.W./M.D.]. Hoje já não

ousaria afirmar que na mística “a rigor, o conceito de culpa não tem lugar” [...]. Já não concluiria, seguindo a [Gerhard] Heinzelmann, que fé e mística “estão entre si como água e fogo” [...] Lutero sentiu-se profundamente tocado pela piedade de um Tauler. Não se pode simplesmente caracterizar este sentimento de afinidade como engano a respeito da total incompatibilidade da atitude básica [...]. Também a mística de Cristo de Lutero [...] não dista tanto assim da de um Tauler. Também a mística, não obstante o desejo pela experiência mística, vive na fé e da graça. A mística cristã é uma das formas mais dignas da piedade cristã, e por isso, de forma alguma, pode ser “eliminada objetivamente” [...] Também ao apóstolo Paulo não é estranha a experiência mística, inclusive o êxtase (2 Co 12), o que é ignorado por vezes. Resumindo: delimitações sistemáticas têm seu valor, porém, não captam as últimas coisas. Peço considerar isso na leitura do capítulo “Teologia da cruz e mística”¹⁴.

As palavras de Loewenich, de 1954, evidenciam um ponto de vista teológico dominante na Teologia luterana europeia da primeira metade do século XX, mais racionalista e “desconfiada” com Pneumatologia e Mística. A dizê-lo de outra forma, tratava-se de uma teologia de cunho mais cristológico e menos pneumatológico, em que Cristologia e Pneumatologia parecem estar em relação de tensão ou até de exclusão mútua. O presente texto tem por objetivo demonstrar como, na teologia de Lutero, Cristologia e Pneumatologia não configuram uma oposição, mas são elementos de um mesmo evento e experiência salvíficos.

Lutero descreve a fé em Cristo como experiência pneumática que une a pessoa com Cristo¹⁵. Como tal, seu pensamento não está distante da Mística. Ao afiançar, porém, contra os entusiastas, que o Espírito Santo nunca se manifesta de forma imediata, direta à pessoa, mas sempre vinculado à Palavra (*sola scriptura; solo verbo*), não apenas se opôs a um espiritualismo, mas pareceu se contrapor a toda e qualquer forma de experiência descrita pelo pensamento místico. Deu, assim, margem a certos

¹⁴ LOEWENICH, Walther von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 173-175.

¹⁵ LUTERO, Martinho. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. In: *Obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989, v. 2, p. 441-442.

extremismos alimentados pela pesquisa, dos quais o citado Walther von Loewenich é apenas um exemplo.

Em que sentido, pergunta-se, o Lutero “místico”, da experiência, é, ao mesmo tempo, “anti-místico”? Anti-místico Lutero é em sua ênfase na mediação da experiência pneumática pela Palavra. Segundo Lutero, Cristo fala a nós através de sua Palavra e se torna Cristo vivo e presente entre nós, o que, então, conduz ao verdadeiro receber interior da Palavra, ou seja, ao “Cristo em nós”. Em outras palavras, “Cristo para nós” (Palavra exterior) se torna “Cristo em nós”, de forma que a pessoa exterior é transformada em pessoa interior (o que também inclui o corpo, já que Lutero não faz uma separação entre corpo e espírito/alma)¹⁶. A experiência de Cristo “em nós” (*in nobis*) somente é possível mediante o anúncio exterior de Cristo “por nós” (*pro nobis*), como Lutero destaca em seu escrito “Contra os profetas celestiais”, de 1525¹⁷.

Quanto ao seu conteúdo, Lutero distingue a Palavra de Deus em Lei e Evangelho, que ele também denomina de “preceitos e promessas”¹⁸. No que diz respeito à sua forma, a tradição luterana do princípio *sola scriptura* tem destacado a Bíblia enquanto Palavra escrita de Deus. Não menos importante, porém, é, para o reformador, a Palavra de Deus falada, testificada de pessoa a pessoa, especialmente na Comunidade. Por esta razão, o slogan *sola scriptura* (“somente através da Escritura”) deve ser ladeado pelo mote *solo verbo* (“somente através da Palavra”)¹⁹. Somente assim, o princípio *sola scriptura* é capaz de evitar tornar-se verdade dogmática a-histórica. Ao lado da Palavra escrita e falada, Deus age por meio das “palavras visíveis”, a saber, o Batismo e a Santa Ceia. O Espírito Santo se reveste de instrumentos externos. Este revestir-se do Espírito Santo precisa ser compreendido da mesma forma como a encarnação de Deus em Jesus Cristo. Ao mesmo tempo em que se trata de uma manifestação

¹⁶ Cf. WACHHOLZ, 2016, p. 129.

¹⁷ Cf. LOHSE, 1995, p. 255.

¹⁸ LUTERO, 1989, p. 440.

¹⁹ BAYER, Oswald. *A teologia de Martin Lutero: uma atualização*. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 62-63; LUTERO, Martinho. Os Artigos de Esmalcalde. Artigos de doutrina cristã. In: *Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1997. p. 305-341. p. 336.

do Espírito através da Escritura, da Palavra falada, de água, pão e vinho (estes últimos como “palavra física”²⁰, “corpórea”²¹), este recurso do Espírito aos meios da graça representa um “encobrimento”. Valendo-nos do exemplo do Cristo encarnado, poderíamos dizer: ao revelar-se, Deus ao mesmo tempo se esconde, pois quer permanecer Deus da fé²².

Pneumatologia como teologia controversial; Trindade

Lutero entendeu que a majestade de Deus é tão sublime ao ser humano pecador e mortal que este não poderia suportar e defrontar-se diretamente com aquela. Por isso, Deus se encarnou em Cristo para encontrar-se com o ser humano. Esta compreensão Lutero teve que desenvolver nas controvérsias teológicas nas quais se viu envolvido, especialmente com representantes da própria Reforma Protestante. Nessa controvérsia se revelam dois elementos centrais do pensamento de Lutero: por um lado, a estreita relação entre Pneumatologia e Cristologia; por outro, entre Pneumatologia e Trindade.

Ulrico Zwínglio, reformador de Zurique, e o nobre silésio Gaspar de Schwenckfeld, influenciados pelo pensamento grego que nutria desconfiança contra a matéria, compreendiam a liberdade do Espírito Santo, da qual fala Jo 3.8²³, de forma abstrata e de modo racionalista. Lutero, diferentemente, defendia que a entrada do Espírito Santo no âmbito dos sentidos corresponde à própria imagem de Deus, a saber, como Deus que se encarna, instrumentaliza, reveste. O Espírito Santo assume forma bem concreta, já na própria criação²⁴. Neste sentido, em sua *Preleção sobre Gênesis* (Gn 1.2), Lutero afirma:

²⁰ BAYER, 2007, p. 180-183.

²¹ BAYER, Oswald. *Martin Luthers Theologie*. 2ª ed. rev. Tübingen: Mohr Siebeck, 2004. p. 225-229.

²² WACHHOLZ, 2016, p. 129.

²³ Cf. ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação*. 2ª ed. rev. e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, 2016. p. 81-97; ALTMANN, Walter. Quão livre é o Espírito Santo? In: WESTHELLE, Vítor; ZWETSCH, Roberto E. (ed.). *Fides et ratio: temas na teologia e filosofia suscitados por Lutero e a Reforma do século XVI*. São Leopoldo: Sinodal, 2017, p. 275-289.

²⁴ WACHHOLZ, 2016, p. 129.

Alguns interpretam o Espírito Santo simplesmente como vento. Mas, se o Espírito, aqui, deve ser compreendido como algo material, eu prefiro referi-lo ao fenômeno daquela massa informe do céu e da terra, que ele também chama de abismo, que começou a se mover, e que se move até hoje, pois a água nunca permanece parada, mas sempre se movimenta na superfície.

Prefiro, porém, entendê-lo como sendo o Espírito Santo, pois o vento é uma criatura, que ainda não existia, porque, até então, aquelas massas de céu e terra ainda estavam misturadas. Também há consenso na Igreja de que aqui se manifesta o mistério da Trindade. O Pai cria o céu e a terra a partir do nada, por meio do Filho, que Moisés chama de Palavra ou Verbo. Sobre estes se coloca o Espírito Santo. Assim como a galinha se senta sobre os ovos, mantendo-os quentes para chocar os filhos como se lhes desse vida mediante o calor, assim a Escritura diz que o Espírito Santo [movia-se sobre as águas] como se ele se sentasse sobre as águas, para dar vida àquelas substâncias que deviam ser animadas e ornadas, pois a função do Espírito Santo é dar vida²⁵.

O horizonte trinitário no qual Lutero insere a Pneumatologia é perceptível na forma como ele enfatiza o agir do Espírito divino já na Criação. À sua maneira Lutero aplica o princípio agostiniano de que *opera trinitatis ad extra sunt indivisa* (“as obras da Trindade para fora são indivisíveis”), quando destaca que o Pai não realiza a Sua obra criadora à parte das outras duas Pessoas da Trindade. O Pai cria através da Palavra, o *logos* divino, Seu Filho, na força do Espírito, a “galinha” cujo calor dá vida à criação.

Esta indissociável vinculação entre o Criador, a Palavra e o Espírito Santo na criação se repete na Cristologia e na Pneumatologia. Cristo é Palavra de Deus encarnada. Deus se tornou criatura para falar com as demais criaturas na força do Espírito Santo. Aplicando-se, além disto, essa percepção da indissociabilidade da obra das Pessoas Divinas à Pneumatologia, isso significa que também o Espírito Santo – o Espírito de Cristo – não fala diretamente às pessoas, sem o recurso a mediações da criação: Palavra e Sacramentos. Se o Espírito falasse diretamente, de forma não-mediada, o caminho a Deus, Jesus Cristo, estaria excluído, pois Cristo somente pode ser encontrado nos meios da graça que são a Palavra:

²⁵ LUTERO, Martinho. Preleção sobre Gênesis. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2014, v. 12, p. 58-59.

escrita, falada e sacramental. Um Espírito Santo que falasse diretamente às pessoas representaria a negação não apenas do princípio *sola scriptura*, mas também do *solus Christus*. A íntima conexão entre Pneumatologia e Cristologia, por um lado, e, por outro, entre Pneumatologia e Trindade²⁶, é ilustrada pelas seguintes passagens da *Preleção sobre Gênesis*, de 1535-1545, da qual citamos:

De minha parte, sigo constantemente esta regra: evito o quanto posso as questões que nos atraem para o trono da suprema majestade. É melhor e mais seguro permanecer junto ao presépio do Cristo, que se tornou homem, pois envolver-se nos labirintos da divindade é muito perigoso. [...] Por essa razão, Deus se rebaixa para que possamos compreendê-lo em nossa fraqueza e se nos oferece em imagens, em invólucros, por assim dizer, de simplicidade pueril, para que, de alguma forma, possa ser conhecido por nós. Assim, o Espírito Santo apareceu na forma de uma pomba, não porque fosse uma pomba, mas ele quis ser conhecido, recebido e adorado nessa forma simples, pois era verdadeiramente o Espírito Santo. [...] Podemos definir bem o que ele não é, ou seja, ele não é voz, pomba, água, pão e vinho. No entanto, ele se apresenta a nós nessas formas visíveis, age conosco e nos propõe essas formas para que não degeneremos em espíritos erráticos e vagos que, certamente, discutem sobre Deus, mas não sabem absolutamente nada a seu respeito, como alguém que não pode ser apreendido em sua nua majestade. [...] Ele [...] apenas quis mostrá-la [sc. sua vontade] mediante alguns invólucros como o Batismo, a Palavra, o sacramento da Ceia. Essas são as imagens divinas e a vontade do sinal. [...] Mas todos nós devemos cuidar para permanecermos nestes símbolos através dos quais Deus mesmo se revelou a nós: seu Filho, nascido da virgem Maria, que jaz entre o gado, no presépio, a Palavra, o Batismo, a Ceia do Senhor e a Absolvição. Pois nessas imagens vemos e encontramos um Deus que podemos suportar, que nos consola, nos ergue para a esperança e nos salva. [...]

A pomba traz o ramo de oliveira na boca, que significa o ministério externo ou a Palavra proclamada. Pois, o Espírito Santo não ensina [...] através de novas revelações fora do ministério da Palavra. Por isso, Deus quis que um ramo verde de uma oliveira fosse levado a

²⁶ Cf. ASENDORF, Ulrich. *Heiliger Geist und Rechtfertigung*. Göttingen: V&R unipress, 2004, p. 41-74.

Noé pela boca da pomba, para que compreendêssemos que, no Novo Testamento, quando cessa o dilúvio ou o tempo da ira, Deus quer mostrar sua misericórdia ao mundo mediante a Palavra pregada. [...]

Tudo o que for revelado além disso, deve ser análogo à fé e ser uma revelação da compreensão da Escritura. [...]

As aparições do Senhor são exclusivamente da Sagrada Escritura. [...] Por isso, deve-se considerar, sobretudo, a Palavra de Deus; ainda que alguém faça todos os milagres, sim, inclusive ressuscite mortos, deve-se repudiá-lo se não vier acompanhado da Palavra²⁷.

Os assim denominados entusiastas insistiam na iluminação pelo Espírito Santo e afirmavam receber revelações inéditas. Lutero combatia este tipo de compreensão, defendendo a necessidade da rigorosa concordância das experiências pessoais com aquelas inscritas no cânone dos profetas e apóstolos. Era necessário discernir entre sentimento religioso, emocionalidade e imaginação livre de fé.

Por isso, é insano discutir sobre Deus e a natureza divina sem a Palavra ou sem as formas [das quais ele se reveste], como costumam fazer os hereges. Eles pensam sobre Deus com a mesma segurança com que discutem sobre um porco ou uma vaca. [...] Pois quem deseja estar seguro e a salvo em questões de tamanha importância, deve ater-se simplesmente às formas, aos sinais e às aparências com as quais a divindade se apresenta, como sua Palavra e suas obras. Pois é em sua Palavra e em suas obras que a divindade se mostra²⁸.

Desta forma, Lutero se distanciou dos assim denominados entusiastas. Estes enfatizavam as experiências pessoais a partir do alicerce da iluminação interior que acabava por não ter mais “freio”, parâmetros. Uma vez perdido o fervor original, a razão assumia o lugar da iluminação interior. Além disto, a experiência interior a partir do espírito não raramente fez nascer a esperança da iminente implantação do Reino de Deus aqui na terra. Tratava-se de um entusiasmo frenético de implantar o Reino de Deus, inclusive pela violência, como ocorreu em Münster, em 1535²⁹.

²⁷ LUTERO, 2014, p. 277-280, 346, 489, 499.

²⁸ LUTERO, 2014, p. 62.

²⁹ LINDBERG, Carter. *As Reformas na Europa*. Trad. Luís Henrique Dreher e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 263-268.

A implantação entusiasta do Reino de Deus, na percepção de Lutero, se fundava na ideia da salvação através dos esforços e méritos humanos obtidos através de uma vida moral intransigente, de forma que se criavam linguagens exclusivas do tipo: “nós, os convertidos; eles, os perdidos”. Disso decorre propriamente o exclusivismo: assim como a Igreja da Idade Média havia se colocado como a única alternativa verdadeira para a salvação, os entusiastas, em especial anabatistas, tendiam à implantação de uma igreja verdadeira e visível. Agora, porém, veracidade e visibilidade da Igreja não eram mais compreendidas de forma institucional, mas vinculadas à santidade dos fieis diretamente iluminados.

O Espírito Santo é livre e sopra, qual vento, onde quer, mas não é arbitrário. Ele testemunha Cristo através de meios da criação: palavra, água, pão e vinho. Pneumatologia e Trindade são indissociáveis. Um modo especial de liberdade do Espírito Lutero concebia somente no âmbito da oração. Ainda assim, neste campo não se trata de novas revelações. Lutero sempre de novo reiterava que a pessoa, antes de orar, deveria se ater a uma Palavra de Deus, ao Pai Nosso etc. Logo, oração não pode estar desconexa da Palavra³⁰. Desta forma, também aqui a conexão entre Cristologia, Pneumatologia e Trindade fica preservada.

Lutero era agostiniano e, como tal, deixou alimentar sua teologia muito por Agostinho. Para Agostinho, o *verbum* encarnou fazendo jus à linguagem. Ou seja, a palavra é a encarnação do Espírito, Espírito que está plenamente presente na palavra, embora ainda assim aponte para algo diverso. Esta compreensão delineia a universalidade da ação hermenêutica sobre a linguagem³¹. Para Lutero, da correta compreensão do verbalizado surge já o próprio espírito da Bíblia. Em outras palavras, o Espírito não está além da palavra, mas vem ao nosso encontro exatamente pela palavra que é recebida pela fé. Se não for experimentada pela fé, a palavra permanece morta. Percebida corretamente, a palavra já é Espírito.

³⁰ Cf. LOHSE, 1995, p. 256.

³¹ Cf. GRONDIN, 1999, p. 71, 75-76.

Fé que atua pelo amor

Como tem ficado claro até aqui, o pensamento teológico de Lutero é marcadamente pneumatológico. A obra fundamental do Espírito Santo é levar o ser humano a Jesus Cristo e, deste modo, a Deus. Ao fazê-lo, o Espírito Santo tira o ser humano de seu próprio centro. Pela fé, o ser humano encontra seu centro em Cristo – que é o próprio centro da história e revelação central; pelo amor, no próximo³². O ser humano é justificado pela fé em Cristo, o que é obra do Espírito Santo. Ser justificado implica um novo *si-mesmo* do ser humano (passivo), ao mesmo tempo que o transforma em um novo *si-para* em relação de justiça (ativo). Trata-se de uma espécie de *passividade-ativa*³³.

Lutero descreve a realidade da fé em sua *Preleção sobre Gênesis*, quando afirma que a

[...] fé implica uma mudança e uma renovação de toda a natureza, de modo que os ouvidos, os olhos e o próprio coração ouvem, veem e sentem algo completamente diferente do que todos os outros seres humanos percebem.

Pois a fé é algo vivo e poderoso; não é mera especulação ociosa e não nada sobre o coração como o pato nada sobre a água. Assim como a água aquecida pelo fogo, embora permaneça sendo água, não é mais fria, mas agora é quente e totalmente diferente, assim a fé, obra do Espírito Santo, cria uma mente diferente e maneiras diferentes de sentir e produz um ser humano completamente novo.

Fé é algo dinâmico, complicado e poderoso. Se quisermos avaliá-la corretamente sofremo-la mais do que agimos, porque ela muda os corações e os sentidos³⁴.

Os efeitos do Espírito Santo são uma nova mente, uma nova vontade que, por sua vez, refletem uma nova disposição no mundo: confiança e amor. Assim, vida de fé é vida no Espírito que opera concretamente nos

³² Cf. LUTERO, 1989, p. 456.

³³ Cf. HANSEN, Guillermo. La concepción radical de la fe en Lutero: Cristo y la subjetividad en la era post-metafísica. *Estudios Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 1, 2017, p. 42.

³⁴ LUTERO, 2014, p. 366-367.

campos sociais e nas relações onde o corpo tem lugar. E o corpo se relaciona concretamente e vive o amor na sociedade, na política, na cultura, na Igreja etc., expressando-se como frutos do Espírito Santo³⁵.

A eficácia última do Espírito Santo se expressa no amor ao próximo. Amar o próximo é estar disposto a entregar dinheiro, propriedade, vida, tudo que se tem, para a saúde e bem-estar do outro. Para Lutero, o amor cristão é sempre amor encarnado, concretizado nas variáveis da existência econômica e política. Assim, o amor não serve somente com palavras, mas concretamente com mãos, bens, habilidades e com o próprio corpo e a vida³⁶.

Lutero entende o Espírito Santo como o modo performativo de Deus no mundo, repetindo na pessoa crente a ordem econômica e política criada por Deus e correspondendo às obras feitas através de Cristo. Tanto a renovação da mente como as boas obras de amor são conjuntamente a performance do Espírito Santo que abarca a totalidade da vida das pessoas cristãs e suas relações com o mundo. A “justiça alheia” de Cristo que se torna “interior” na pessoa cristã redonda em frutos do Espírito no encontro “exterior” do ser humano com o próximo estranho e alheio ao seu redor. O Espírito Santo, portanto, é a energia que coloca em movimento a in-timidade para a ex-timidade, cuja expressão concreta se dá na existência corporal³⁷.

Isso implica para a pessoa cristã caminhar e ser caminhada pelo Espírito Santo. A pessoa cristã não se fecha em si mesma, mas, movida pelo Espírito, entra num ambiente fluído, onde as fronteiras definidas pelo ego entre o subjetivo e o objetivo, entre ele mesmo e o outro/próximo, ainda que não desaparecem completamente, se tornam porosas, interpenetráveis. E, no âmbito do poroso, do fluído, o Espírito Santo produz câmbio radical, inaugurando uma nova comunhão, a comunhão das pessoas santas e “comunistas”³⁸.

³⁵ Cf. HANSEN, 2017, p. 43.

³⁶ Cf. HANSEN, 2017, p. 43.

³⁷ Cf. HANSEN, 2017, p. 44.

³⁸ HANSEN, 2017, p. 44.

Conclusão

Os elementos até aqui apresentados evidenciaram com clareza a absoluta centralidade não apenas da Pneumatologia enquanto reflexão teológica, mas do Espírito Santo como pessoa e dom que conduz a Cristo e ao Pai para o reformador. Certamente, ainda muitos outros elementos de uma “Pneumatologia em Lutero” poderiam ser aduzidos³⁹; entre eles, a compreensão da pessoa e da obra do Espírito na perspectiva de uma *pneumatologia crucis*⁴⁰. A referência à Palavra e aos sacramentos como meios da graça e instrumentos do sopro do Espírito que gera e sustenta a fé em Cristo, que é caminho para o Pai, indica que a fé – pessoal – não ocorre no isolamento, mas na comunhão das pessoas que creem. Também este aspecto eclesiológico carece de receber a devida consideração em toda reflexão pneumatológica, não apenas em perspectiva luterana. Os elementos que foram elencados no presente texto indicam que os temas centrais da teologia do reformador Lutero não podem ser adequadamente compreendidos se não forem percebidos em seu horizonte pneumatológico. As relações entre Pneumatologia e Cristologia bem como entre Pneumatologia e Trindade deixam, ademais, transparecer que Pneumatologia não é *locus* isolado da Dogmática, mas perpassa toda a teologia de Lutero, desde a doutrina da Criação até a Escatologia. Tal qual com a Cristologia e a doutrina da Trindade, a Pneumatologia não apenas pode como deve ser relacionada a todos os *loci*, iluminando-os e sendo iluminado por eles.

Os aspectos destacados no texto não podem ser claramente delimitados entre si. Por isto, também a exposição não evitou uma e outra sobreposição e até redundância. Ainda assim, os itens abordados apontaram elementos específicos da compreensão do Espírito Santo no pensamento de Lutero. A referência ao Cristo *pro me* e *pro nobis* mediado pelo Espírito Santo demonstra a forma como a “mensagem da justificação”,

³⁹ Cf. ASENDORF, Ulrich. *Die Theologie Martin Luthers nach seinen Predigten*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1988, p. 203-304.

⁴⁰ Cf. DIETZ, Martin Timóteo. A pessoa e a obra do Espírito Santo no tratado ‘Da liberdade cristã’, de Martin Lutero. In: ZWETSCH, Roberto E. (org.). *Lutero e a Teologia Pentecostal*. São Leopoldo: Sinodal, 2017, p. 91-106.

tão cara a Lutero, pode deixar de ser apenas doutrina, para se tornar experiência na existência de cada pessoa cristã e na vida da Igreja. A vinculação do agir do Espírito Santo aos meios externos, Palavra e sacramentos, destaca que as muitas distinções como, por exemplo, entre exterior e interior, “espiritual” e material, carregam, vez ou outra, certa artificialidade, sendo abarcadas todas elas pelo *pneuma* divino. A indissociável vinculação da Pneumatologia com a doutrina da Trindade, por sua vez, lembra, ainda que não tenha sido explicitado no decorrer da exposição, que a redenção em Cristo é propósito salvífico do Pai Criador que visa não apenas indivíduos, também não somente a Igreja, mas quer alcançar toda a criação. Deste plano e agir criador, salvador e redentor do Deus Triúno dá testemunho a experiência pneumática da “fé que atua pelo amor” (Gl 5.6).

A tradição luterana se acostumou a referir-se às “partículas exclusivas” (*solus; sola; solum*) como expressão característica da Teologia na tradição do reformador de Wittenberg. Lutero, no correr da sua vida, fez referência a pelo menos uma dezena de “solas”, sem se restringir aos mais conhecidos: Cristo; escritura; graça; fé. As reflexões deste texto indicam que, para Lutero, também a fórmula *solo Spiritu Sancto* (“somente através do Espírito Santo”) não apenas é permitida, mas necessária⁴¹. Problemático se torna seu uso apenas, se ocorre às custas de *solus Christus, sola scriptura* e *solo verbo*. Ninguém pode conhecer, na plena acepção da palavra, Jesus Cristo, se não pelo Espírito Santo. Inversamente, a obra do Espírito Santo consiste em conduzir ao conhecimento de Cristo. Este conhecimento de Cristo pelo Espírito não se dá à parte, mas através da Palavra testificada na forma escrita, oral e visível. Desde que bem entendido, no lema *solo Spiritu Sancto* se concretiza, portanto, a indissolúvel interdependência de Pneumatologia, Cristologia e doutrina da Trindade, com todos os desdobramentos para a reflexão e a vida que dos mencionados *loci* em sua correlação decorrem.

⁴¹ Cf. LOHSE, 1995, p. 254. Um pouco distinta é a proposta de TERRA, Kenner Roger Cazotto; OLIVEIRA, David Mesquiati de. Hermenêutica do Espírito: A leitura bíblica na Reforma Radical. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57. n. 1, 2017, p. 55-57.

Referências

- ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação*. 2ª ed. rev. e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- ALTMANN, Walter. Quão livre é o Espírito Santo? In: WESTHELLE, Vítor; ZWETSCH, Roberto E. (ed.). *Fides et ratio: temas na teologia e filosofia suscitados por Lutero e a Reforma do século XVI*. São Leopoldo: Sinodal, 2017, p. 275-289.
- ASENDORF, Ulrich. *Heiliger Geist und Rechtfertigung*. Göttingen: V&R unipress, 2004.
- ASENDORF, Ulrich. *Die Theologie Martin Luthers nach seinen Predigten*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1988.
- BAYER, Oswald. *A teologia de Martin Lutero: uma atualização*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BAYER, Oswald. *Martin Luthers Theologie*. 2ª ed. rev. Tübingen: Mohr Siebeck, 2004.
- DIETZ, Martin Timóteo. A pessoa e a obra do Espírito Santo no tratado 'Da liberdade cristã', de Martin Lutero. In: ZWETSCH, Roberto E. (org.). *Lutero e a Teologia Pentecostal*. São Leopoldo: Sinodal, 2017, p. 91-106.
- GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- HANSEN, Guillermo. La concepción radical de la fe en Lutero: Cristo y la subjetividad en la era post-metafísica. *Estudios Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 1, 2017, p. 30-45.
- LEPPIN, Volker. B.I.5. Mystik. In: BEUTEL, Albrecht (ed.). *Luther Handbuch*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. p. 57-61.
- LINDBERG, Carter. *As Reformas na Europa*. Trad. Luís Henrique Dreher e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- LOEWENICH, Walther von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- LOHSE, Bernhard. *Luthers Theologie in ihrer historischen Entwicklung und in ihrem systematischen Zusammenhang*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.
- LUTERO, Martinho. Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 7. p. 325-446.

- LUTERO, Martinho. Enquirídio Catecismo Menor do Dr. Martinho Lutero para os pastores e pregadores indoutos. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 7. p. 447-470.
- LUTERO, Martinho. Os Artigos de Esmalcalde. Artigos de doutrina cristã. In: *Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1997. p. 305-341.
- LUTERO, Martinho. Preleção sobre Gênesis. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2014. v. 12. p. 53-530.
- LUTERO, Martinho. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. In: *Obras seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. v. 2. p. (435)436-460.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. A Pneumatologia de Lutero: uma aproximação. *Reflexus*, ano XI, n. 17, 2017. p. 161-178.
- OTTO, Rudolf. *Die Anschauung vom heiligen Geiste bei Luther: eine historisch-dogmatische Untersuchung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1898.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. 4ª ed. São Leopoldo: Petrópolis; Sinodal/EST: Vozes, 2017.
- TERRA, Kenner Roger Cazotto; OLIVEIRA, David Mesquiati de. Hermenêutica do Espírito: A leitura bíblica na Reforma Radical. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57. n. 1, 2017, p. 46-59.
- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulinas, 1984.
- WACHHOLZ, Wilhelm. *História e Teologia da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

Submetido em: 14/06/2018

Aceito em: 14/10/2018